



Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e interpretações

Antonino Ferro*, Pavia

O autor amplia o conceito da relação transferência/contratransferência, continente/conteúdo e reverie na teoria de campo desenvolvida pelo casal Baranger. Compreende os personagens da sessão analítica (tempo/espaço), não somente como objetos internos ou expoentes do mundo interno sob uma referência histórico-interpretativa, mas como personagens que descrevem o que está ocorrendo no campo analítico de um modo sincrético. Considera que está em operação um funcionamento onírico do campo, que qualquer comunicação pertence a este campo e permite significar o pensamento onírico. Sugere que as transformações do campo ocorrem através de uma contínua operação de co-narrações entre analista e paciente, que se tornam dois autores em busca de personagens, que alfabetizam as proto-emoções e permitem suas contínuas evoluções. Ilustra suas idéias com personagens co-vivenciados nas sessões com seus pacientes, na literatura e no cinema.

Descritores: Transferência. Contratransferência. Campo analítico. Proto-emoções. Reverie. Pensamento onírico. Interpretação. Transformações. Narratologia.

* Membro da Sociedade Psicanalítica Italiana.





Antonino Ferro

Introdução

Através da chegada de personagens diferentes (o marido que a humilha, a mãe que não a entende, uma amiga que a critica), uma paciente indica que, do seu ponto de vista, minha interpretação não é adequada e delicada, por mais que assim me pareça. Aceito esse ponto de vista para torná-lo o ponto-chave no sentido de encontrar um estilo interpretativo e um *timing* que corresponda ao máximo às necessidades da paciente. No final da sessão, encontro as palavras para mostrar-lhe que alguma coisa que eu dissera e a maneira como o dissera pode tê-la ferido e irritado.

No dia seguinte, Roberta relata que viu *um vaso de ferro* muito bonito na casa de sua mãe e perguntou se poderia ficar com ele. Sua mãe concordou, e seu pai perguntou-lhe se conhecia a história daquele vaso. Como ela dissesse que não conhecia a história, ele contou que originalmente aquele vaso fora um *projétil de ferro* que um tio seu, ex-combatente no *front* turco, havia transformado em um vaso. Esse tio trouxera o vaso ao retornar da guerra, e o vaso havia chegado até eles. Os pais de Roberta disseram estarem felizes em lhe dar o vaso. O marido da paciente, a quem ela conta essa história, diz que se trata da *conversão* de uma coisa feia em uma coisa bonita, já a paciente corrige que se trata de uma transformação.

Há, contudo, várias etapas para a ocorrência dessa transformação: desde a minha escuta acolhedora do ponto de vista da paciente, passando pela transformação que ocorre em minha mente com relação ao estilo interpretativo, até a mudança desse estilo e o recebimento por ela dessa transformação. Uma transformação que parte de mim e que acabará por pertencer também à paciente como possibilidade de um modo mais acolhedor de me ouvir e de colocar minhas palavras em seu lugar, no vaso que agora também é seu.

Não lhe explicito toda essa interpretação, limitando-me a indicar que havia uma famosa canção que dizia “colocar flores nos seus canhões”. “Sim”, responde a paciente, “era da Equipe 84, uma das minhas bandas preferidas”.

Reflico sobre o fato de 84 também ter sido o número do meu consultório anterior. Durante a sessão, aceno tangencialmente com referência a algumas afirmações da paciente de que *sua mãe parecia ter mudado a maneira de se aproximar dela* e, somente no final da sessão, comento que ela parecia querer indicar que também havia notado em mim um modo diferente de estar com ela. Evito dar a explicação referente ao projétil/vaso *de ferro* como dois modos de me sentir (e





de o vaso representar ela mesma por sua vez), para não suscitar novamente sua irritação.

Sou forçado a ressaltar que isso poderia fazer parte do que Corrao (1991) chamou de *transformações narrativas* e que eu chamei (Ferro, 1996) de *narrativas transformadoras*. Contudo parece-me importante ressaltar que as *transformações afetivas* são fundamentalmente subjacentes às transformações narrativas.

Como de hábito, neste artigo, tentarei narrar alguns pontos centrais da teoria analítica através de um dialeto clínico, procurando desfazer nós teóricos complexos com a sua representação clínica. Usarei, com esse objetivo, breves trechos de análise como se fossem sonhos feitos sobre a teoria. O ponto de partida do meu trabalho é a teoria do pensamento de Bion, que se expressa a partir de *Uma teoria do pensamento* e vai se desenvolvendo através de suas obras mais estritamente teóricas (Bion, 1962, 1963, 1965, 1970) e através daquela mina de idéias, felizes intuições, aberturas paradoxais de sentido que encontramos nos seminários (1983, 1987), em *Cogitações* (1992). O uso das imagens permite que proponha uma teoria não saturada, em contínua transformação e que, no que se refere às formulações de Bion, é, pelo menos parcialmente, enriquecida por minhas contribuições pessoais para um possível desenvolvimento do seu pensamento, como tem sido feito por muitos anos por diversos autores (Ogden, Green, Grotstein, etc.). Meu pensamento em relação a Bion está irremediavelmente intrincado com os desenvolvimentos do conceito de campo, de um lado, e das sugestões que, por contaminação, podem chegar à psicanálise da Narratologia, de outro.

O conceito de campo é extremamente difícil de descrever. Devemos aos Baranger (1961-1962) sua formulação fundamental: analista e paciente dão lugar às resistências cruzadas que devem ser dissolvidas pelo trabalho interpretativo do analista, que participa plenamente da constituição dos pontos cegos de resistência da dupla, mas que mantém a especificidade de conseguir afastar-se para interpretar e assim dissolver esses torrões ditos baluartes. O trabalho analítico é feito deste contínuo movimento de formação de baluartes e de suas dissoluções. Esse conceito tornou-se mais e mais complexo a partir de uma série de autores que, freqüentemente, também se referiam aos seus trabalhos com grupos, considerando a sessão um tipo de encontro entre as multipersonalidades do paciente e as multipersonalidades do analista.

A conexão com o pensamento de Bion e, em particular, com seu conceito de função alfa e de pensamento onírico da vigília torna o panorama ainda mais complexo. A transferência do paciente que veicula elementos beta, *balfa*¹ e alfa

¹ Significa elementos beta que foram parcialmente transformados em alfa.





acaba colidindo com o funcionamento mental do analista, gerando rapidamente uma situação de grupo a dois, uma situação na qual o próprio campo é continuamente sonhado e ressonado. A transferência sofre um tipo de difração em uma multiplicidade de narrações, personagens que são *quimeras* do *passado próximo*, do *fora*, mas também do *agora*, do *aqui* e da interação das duas mentes.

Se considerarmos que está em operação um funcionamento onírico do campo, não há comunicação que não possa ser vista como relacionada e pertencente ao próprio campo. Além disso, os fatos aparentemente mais próximos da realidade teriam o valor de *ganchos narrativos* para se aproximarem e permitir a significação do pensamento onírico. Até mesmo os elementos mais subjetivos, como o sonho do paciente, pertencem ao campo para significar e indicar os movimentos do sonho da vigília relativos ao momento no qual (o sonho) é narrado.

O percurso das análises torna-se uma função dos modos de funcionamento daquela dupla analítica em operação, e perde-se o sentido de um processamento natural. Cada dupla terá seu próprio modo de proceder ao trabalho analítico, e até mesmo os acontecimentos de uma análise, as reações terapêuticas negativas, a transferência (e a contratransferência) psicóticas pertencerão àquela dupla.

Naturalmente, há um limite para a deriva subjetivista, que se ancora na ética do analista, nas análises pessoais, na preparação do analista e na responsabilidade do analista em relação ao fato de que os fatos narrativos são os que urgem, à espera de alfabetização por parte da dupla analítica e não outros fatos. Alguns conceitos derivados da narratologia, como *limite da interpretação*, *limite com relação à abertura de mundos possíveis*, podem ajudar bastante.

É claro que uma teoria do campo exige do analista uma contínua vigilância e manutenção de seu principal instrumento de trabalho: a sua vida mental. O analista co-determina o desenvolvimento da análise, e essa será também uma função da qualidade de seu funcionamento mental (que co-constituirá o seu campo), da capacidade receptiva referente às angústias, às ânsias, às identificações projetivas do paciente. Naturalmente, dever-se-á considerar o risco de um analista estar, transitoriamente, com mau funcionamento ou, sem dúvida, de um analista que inverta o fluxo das identificações projetivas.

Há uma mudança radical no modo de analisar o que o paciente diz, porque isso também será considerado fruto da qualidade do funcionamento/disfuncionamento mental do analista. Isso também implica, contudo, em uma grande ajuda, porque o paciente sempre funciona como espelho que assinala cada distanciamento ou excessiva aproximação do analista. O analista poderá usar o que lhe indica o paciente para mudar a própria atitude interpretativa.

Em uma teoria do campo, os personagens da sessão poderão ser entendidos





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

não somente sob uma referência histórico-interpretativa, não somente como objetos internos ou expoentes do mundo interno, mas também como personagens que descrevem o que está ocorrendo no campo analítico de um modo sincrético.

O conceito de campo amplia notavelmente o conceito de relação, estendendo esse campo para toda a situação analítica, ou seja, para o *setting* e as regras. Isso favorece a possibilidade de um olhar mais amplo, no sentido de que podemos pensar em muitos fatos como sendo *de consultório* antes mesmo de serem veiculáveis na relação em um tipo de área intermediária, na qual podem viver e tomar corpo cenas e personagens que de outra forma permaneceriam trancafiados, tornados inertes. A partir dessa ótica, a relação é uma das funções do próprio campo (Eizirik, 1996).

Na verdade, anula-se o problema realidade interna/realidade externa, porque o que conta são os fenômenos – de acordo com o dialeto winicottiano – no espaço transicional do campo.

Gostaria de indicar a fertilidade que pode derivar de uma posterior contaminação e aproximação entre a conceitualização de campo e as conceitualizações de Bion. Será, por exemplo, possível descrever um campo como um campo hiperbeta com função alfa insuficiente, que precedeu as rupturas de *setting* ou os impulsos. Ou poderíamos ter um campo com bom funcionamento, com relativo equilíbrio entre os elementos β do campo, capacidade da função alfa para transformá-los e formação de elementos alfa. O campo assim definido adquire as seguintes características:

- a) o campo torna-se espaço-tempo no qual se formam as turbulências emotivas que o encontro analítico ativa;
- b) o campo é uma função que diz respeito aos dois membros da dupla, com altíssimo grau de não saturação;
- c) o campo torna-se lugar-tempo de promoção de histórias, de narrações que são a alfabetização das proto-emoções presentes na dupla.

As transformações do campo ocorrem através de uma contínua operação de co-narração entre analista e paciente, que se tornam *dois autores em busca de personagens* (Ferro, 1992) que alfabetizam as proto-emoções e permitem suas contínuas evoluções.

No campo, o contorno semântico do conceito de interpretação amplia-se e engloba também todas as intervenções não saturadas, conversacionais do analista. No campo, a *reverie do analista* é central (compreendida como capacidade do analista de entrar em contato com seu pensamento onírico de vigília e as subunidades que compõem esse pensamento, os elementos α , e de narrá-los através de palavras), ativando as transformações do campo, mas não menos centrais são os



derivados narrativos do pensamento onírico da vigília do paciente e dos elementos α que os compõem.

De um lado, a narração do paciente é visível como uma contínua renarração de como o paciente *registra* os elementos, os acontecimentos, as linhas de força do campo. Deste ponto de vista, não há discurso do paciente que não se refira ao campo.

A atenção para a observação da comunicação do paciente, e a atenção para a contratransferência, é deslocada como *atenção* às figuras que ganham vida no campo, que constituem um indicador contínuo da vida do campo.

À complexidade do *campo atual, horizontal*, que vive no *hic et nunc*, adicionarei a complexidade similar de um *campo vertical*, que engloba o multigeracional: *um tempo que entra no consultório*. Entramos, assim, em uma geometria não somente do *mundo interno* e da *relação*, mas em uma geometria das histórias e das suas transmissões: não são mais ativos e presentes o analista e o paciente com as suas *fotos* bidimensionais de pais, tios, avós que serão interpretados, revelados na interpretação de transferência, mas presenças, personagens tridimensionais, de temporalidades diferentes que exigem ou que necessitam poder entrar em cena pessoalmente. Nesse ponto, qualquer interpretação que se encontre *no campo* é interpretação de transferência.

De acordo com meu ponto de vista, nessa dimensão, o analista deve deixar-se transitar por estes *liofilizados* transgeracionais que esperam somente a linfa da acolhida do campo para tomar *consistência* e transformar-se em história.

Aviva-se uma cena no consultório que é habitual não somente ao longo do eixo do espaço, mas ao longo do eixo do tempo: *fatos não digeridos, bolsões de elementos β* , mas também *pacotes de elementos α* entram na sala.

Estamos, assim, diante de uma complexidade para a qual não nos encontramos sempre preparados. Estamos, na verdade, em *Esta noite se improvisa* (1930) ou, se preferirem, em *Seis personagens em busca de um autor* (1921) de Pirandello.

Nesse caminho, mereceriam lugar muitas outras reflexões, por exemplo, como a função narrativa do campo pode *conjug*ar os bolsões de não pensabilidade: o transgeracional do analista que entra no consultório, como parte que se refere à pessoa e *como parte que se refere à transmissão da função analítica, incluídos* os pontos cegos que podem existir (e que, felizmente, se ouvirmos o campo, este nos indicará!), o recorrido da história, também a nossa história como analistas, não como um rito, mas como o modo de encontrar *as heranças transgeracionais*.



Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

Abrem-se reflexões muito amplas sobre o conceito de identificação projetiva, de turbulência emotiva; em termos cinematográficos, poderíamos pensar no início de *Jurassic Park* (1993), com fragmentos de DNA que permaneceram incluídos, e como o desenvolvimento da mente não pode prescindir de certas ritualizações daquilo que havia sido dividido.

A *dupla multipersonalidade* (Baranger et al., 1983) do analista e do paciente, se primeiro nos descortinava dezenas de milhares de universos possíveis sobre o eixo do espaço, agora pode abrir para ramificações no tempo, para citar Borges (1941, p. 479): “[...] a uma rede crescente de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam, se ignoram.”, o mundo das UCRONIAS ou das utopias da história descortinando essas possibilidades que, para a história da civilização, são puros exercícios (se Custer tivesse vencido o *Little Big Horn*), mas que, na história pessoal, graças aos *après-coups*, podem tornar-se pensamento, novas realidades do futuro e, por que não, até mesmo do passado.

A contaminação com a narratologia refere-se ao modo de conceber os personagens tanto em narratologia quanto no consultório.

Função digestivo-metabólica do analista

As serpentes de Alessia

Alessia, depois de alguns anos de trabalho analítico, relata um sonho no qual está no supermercado, onde há muitas gôndolas, algumas cheias de serpentes. Sua mãe diz, oferecendo-lhe um saco: “Peguei uma enroscada para cozinhar para você esta noite.” No sonho a paciente se irrita. Aparece então o analista a consolá-la com relação ao terror por aquilo que sua mãe planejava fazer.

É evidente que o analista do sonho é representado de acordo com duas funções que desempenha: a de consolar e a outra, inquietante, mas não menos importante, de alguém que cozinha para ela as serpentes. As emoções, as emoções-serpentes, que envenenam e sufocam, sempre foram o grande problema de Alessia. No início do trabalho analítico, frequentemente estava às voltas com serpentes muito venenosas, ou uma jibóia que poderia tê-la triturado.

Portanto, tinha inventado uma estratégia de evitação e de controle ao mesmo tempo referente às emoções pelas quais se sentia ameaçada e perseguida, porque sabia que teriam envenenado sua existência ou tirado seu fôlego. Daí somente manter relações com homens casados. Isso implicava em ciúmes, raiva, exclusão, mas, de certa forma, esses aspectos eram levados em conta desde o início. Um





Antonino Ferro

homem livre teria querido entregar-se a uma relação com confiança e, então, talvez um dia, ela iria encontrar-se de repente envolvida com uma cobra o uma jibóia.

A mesma estratégia operava no consultório. Alessia sempre estava hiperconsciente do limite da relação emotiva possível na análise; era sempre um trabalho! Dessa forma, tratava-se de um tipo de imunização contínua com relação a ciúmes, à raiva ou às vivências de exclusão. O analista que cozinha a serpente é um ótimo modo de descrever uma das funções do analista, que é a de cozinhar e de tornar comestível, assimilável, digerível as emoções que antes podiam ser somente separadas e mantidas distantes.

Um outro mecanismo de defesa de Alessia, dessa vez com relação a um superego tirano e intransigente, consistia no uso contínuo da mentira para salvar-se de supostas acusações ou desaprovações. Na sua análise, o cozimento das emoções foi feito conjuntamente com o *cozimento* do superego, que se tornava cada vez mais suave e maleável. Isso permitiu que as emoções, mesmo as mais cruéis, pudessem ser abordadas.

Os pólipos de Leoluca

Leoluca é um jovem engenheiro que não consegue ter uma relação estável. Se uma relação se torna mais íntima, ele se sente sufocado, foge e troca de companhia, repetindo sempre o mesmo ciclo. Um sonho, contudo, abre uma nova perspectiva: os resultados de uma gastroscopia e de uma colonoscopia indicaram que o paciente tinha muitos pólipos. Ele faz, então, um relato do filme, tirado do livro *O jardim secreto* (1911), em que o pequeno protagonista era mantido isolado em um quarto por medo de que fosse alérgico a tudo. Parece claro que isso que Leoluca teme é a união dos pólipos, a sua fome, a necessidade de constituir vínculos, tentáculos. Como se sente aterrorizado com a possibilidade de esses vínculos se criarem, estaria exposto a emoções tais como ciúmes, terror do abandono, com medo de ser alérgico e de não conseguir administrar tais antígenos emotivos.

No decorrer de algumas semanas, continua o relato do filme e do livro, que nesse meio tempo comprou, até chegar a um sonho no qual se encontra aterrorizado diante de uma porta que teme possa ser aquela de Barba Azul e que, na verdade, é a porta que dá acesso ao *jardim secreto* do filme (1993)/livro (1911).

Leoluca dá-se conta que o que o atemoriza é a intensidade da sua necessidade de vínculos, que o expõe a eventuais emoções intensas que exorciza com as rupturas compulsivas de cada história significativa.





Os árabes de Marzia

Há tempos Marzia não tolerava nenhuma frustração. A cada distanciamento ou separação, seguiam-se ataques de pânico. Isso ocorreu até que experimentou, na análise, uma situação de falta de resposta que lhe causa duas reações: uma que define como *católica*, na qual entende bem as razões do não, e a outra, que chamaremos de *árabe integralista*, que aparece em um sonho no qual alguns árabes excluídos e em situação de pobreza preparam ataques terroristas (os ataques de pânico). A chegada dos árabes que não se deixam convencer já é uma primeira representação daquilo que nela toma vida quando há uma frustração que sanciona a dualidade com o outro.

Parecem-me evidentes algumas das funções centrais do analista: cozinhar as serpentes, cozinhar os pólipos, dar representação aos árabes e encontrar o modo de *cozinhá-los*. A mente humana, quando se encontra na presença de pacotes de emoções (ou proto-emoções) não digeríveis, ativa toda uma série de defesas.

De vez enquando o problema é ainda mais difícil, porque não há nem mesmo a possibilidade de simbolizar (Bion, 1962; Ferro, 1996; Rocha Barros, 2000; Botella, 2001) o elemento que queima, escalda, ou seja, há situações nas quais não se verifica ainda a simbolização das serpentes, dos pólipos ou dos árabes.

São essas últimas situações as mais *mudas*. Aquelas nas quais a expressão do sofrimento pode ocorrer através da evacuação, um distanciamento expulsivo que pode ocorrer através dos modos mais diferentes de doenças psicossomáticas, até alucinações, transtornos de personalidade ou condutas delinquentes. São essas as situações nas quais é mais difícil ativar uma função metabólica mais eficaz e que funcione bem, que possa levar, invertendo o fluxo de evacuação, à pensabilidade ou, ao menos, aos precursores desta através das figurações, as imagens pictográficas daquilo que antes era totalmente mudo. Isso pode acontecer em qualquer lugar do campo, lugar que pode ser também a mente do analista com as suas *reveries*, figurações, contratransferências. Uma vez que *o impensável evacuado* encontra lugar em um lugar qualquer do campo, já temos uma reviravolta referente à gravidade do problema. Agora trata-se *somente* de encontrar maneiras cada vez mais econômicas e evolutivas de gerenciá-lo no campo e de aproximá-lo de uma possibilidade digestivo-metabólica. Uma vez que o impensável entra em um lugar qualquer do campo, como *o amigo deprimido à beira do suicídio*, o desespero antes mudo encontra um primeiro ator-vetor que o coloca em cena.

Este é o momento no qual entram em jogo *os vários mecanismos de defesa*, menos arcaicos com relação à evacuação, que têm a função de tornar tolerável no campo (em um lugar qualquer deste) a lava proto-emotiva que ainda não pode ser *obtida* diretamente.



É possível a cisão (sempre dentro do campo) na qual esse funcionamento primitivo, esta parte, esta agregação de elementos β , ou este betaloma, como outras vezes o chamamos (Barale; Ferro, 1992), é denominado de *um amigo, um conhecido, um colega de trabalho* ou de todas as outras maneiras possíveis, desde *um terrível pit-bull* a um dinossauro. Ou é possível o recurso à negação, à remoção, à evitação fóbica, ao controle obsessivo, à hipocondria e assim por diante. Qualquer um desses mecanismos diferentes implica também em uma estratégia narrativa diferente, na qual o elemento não digerido encontra modalidades diferentes de ocultação/desvelamento no texto narrado.

Uma paciente que apresentava dificuldade extrema para encarar as violentas emoções ativadas pela separação de férias de verão durante a análise começa a primeira sessão depois das férias falando de como tinham sido belas e do bem-estar experimentado. Acrescenta, no final, que lera um livro que a tinha feito chorar muito, *A história* de Elsa Morante, em que uma mulher ficava viúva, era violentada e, juntamente com essa violência sofrida, lhe nascia um filho que devia criar. Há, portanto, um cantinho da tessitura narrativa da sessão ao qual comparecem o abandono do verão, as férias como violência sofrida e a consciência de que nascem emoções e sentimentos dos quais necessita ocupar-se.

No fundo, a negação, ou melhor, a recusa, deixa aberto um tipo de fenda em que toma vida e corpo a história emotiva. Naturalmente, um mecanismo de defesa da violência ou da raiva poderia ser uma fobia das facas, um ritual obsessivo para controlar que o gás esteja fechado, ou uma hipocondria na qual possa colocar ou controlar o perigo que dá medo. Pouco importa, naturalmente, a escolha da estratégia defensiva, o importante é encontrar estratégias narrativo/interpretativas que preservem uma vizinhança cada vez maior com o problema que atemoriza. Não se trata nem de reforçar o mecanismo de defesa, nem de criminalizá-lo, mas de torná-lo cada vez menos necessário através do progressivo trânsito do *torrão de lava*.

Naturalmente, os períodos não são curtos. São empregadas, também, as constelações defensivas do analista, e o trabalho de retecedura emotiva poderá ser feito de maneira monótona e técnica ou de modo vivo e criativo. Isso pertence às qualidades da dupla analítica, mas também diria, em certa medida ao menos, às qualidades do grupo analítico ao qual pertence.

O texto narrativo da sessão indica continuamente as transformações que existem no mundo interno do paciente e no campo. O campo é, portanto, o detentor da verdade sobre o funcionamento do próprio campo, e não importa qual lugar do campo se torne expressão de tal funcionamento. Lugares do campo podem ser o componente cênico do campo (a contínua formação/transformação dos persona-



Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

gens), a mente do analista, a contratransferência, o lugar de formação das imagens (o pensamento onírico da vigília), os derivados deste, os próprios sonhos de contratransferência do analista, suas *reveries*, os mundos internos do analista e do paciente, suas histórias, suas relações, os *enactments*, as identificações projetivas a todas suas vicissitudes, os lugares do transgeracional de ambos.

Os novos narrativos e as fábulas

Um *personagem* que se torna portador das proto-emoções enfocadas por um paciente, de seu *torrão de lava*, como dizia uma jovem mulher em análise, que havia nascido nas ladeiras do Etna e que lembrava a Loba de Verga pela própria postura passional, é um tipo de novo narrativo que está à espera de ser tecido pelo analista e pelo paciente. Se esse novo se chamasse *Mário* e reportasse à violência ou à insatisfação, deveria ser desconstruído e narrado de maneira que pudesse ser vestido pelo paciente.

Isso a partir do modo infeliz de intervenção (habitualmente rejeitado pelo paciente) que vai desde “Mário é aquela parte dela que...”, ou “Mário entra em cena quando...”, ou ainda “Mário me parece aquele funcionamento que...”, para passar a formas intermediárias do tipo “Mário talvez tenha características similares a ela quando...” ou “Mário a faz lembrar de alguma coisa de si mesma” até chegar a formulações narrativas mais felizes, nas quais o novo Mário é desconstruído nos fios que o compõem e depois tecido novamente: “Parece que Mário tinha ciúmes de Caterina quando...”, introduzindo assim o fio amarelo do ciúmes, ou “o que faz com que Mário se irrite quando...”, introduzindo o fio vermelho da raiva e assim por diante. Isso sem que necessariamente se deva chegar a uma interpretação exaustiva, basta desenrolar o *novo Mário* e retê-lo com um motivo e um desenho compreensível e adquirível pela paciente. Nada impede que possa e, a um certo ponto, deva ser uma interpretação exaustiva.

O que vale para Mário vale para qualquer *novo* narrativo que de qualquer modo e de qualquer forma entre em um lugar do campo. Frequentemente, os novos mais emaranhados podem entrar através de identificações projetivas.

Sintomas diferentes remetem a modalidades diferentes de gerenciamento dos mesmos problemas. Por exemplo, entre narcisismo, aspectos autistas ou manifestações psicossomáticas, há uma relação de semelhança muito próxima.

Está-se diante de proto-emoções (ou frequentemente de uma proto-sensorialidade) que não podem ser transformadas e, portanto, tornadas pensamento e emotivamente possíveis de serem vividas e das quais se defende, afastando-se e





Antonino Ferro

colocando-se a salvo a muita distância delas (no narcisismo), isolando-se delas, como se faz com o fio elétrico que deve ser envolvido pelo invólucro de plástico, nas defesas autistas que implicam um *isolamento*, ou evacuando-as de maneira mais ou menos *muda* no soma. Digo mais ou menos muda porque há sintomatologias corpóreas que ainda dizem alguma coisa sobre sua proveniência e outras que são totalmente desconexas.

Lisa e o piloto

Lisa tinha iniciado a análise com uma séria doença psicossomática (doença de Crohn) que levava a freqüentes evacuações com sangue. Quando o trabalho feito em um ano de análise a leva a uma maior capacidade de sonhar (me refiro ao sonho alfa) e de conter as emoções (me refiro ao desenvolvimento de ♀♂), Lisa começa a viver as emoções de modo cada vez mais intenso.

A estruturação de um vínculo (que está na base das vicissitudes emotivas) é relatada através de *uma ecografia*, que mostra a presença de alguns pólipos. É lógico que o estatuto analítico da comunicação se refere à presença de um estímulo ao vínculo muito forte e que ciúme, desilusão, raiva são tentáculos eventualmente ativados pelo pólipo-vínculo.

O cenário proposto por Lisa é o de um homem, piloto de avião comercial, que a expõe a aproximações e distanciamentos contínuos (o analista que parte e que chega), comandante que ainda tem uma ligação com uma comissária de bordo de quem tem ciúme. Aparece assim também o ciúme no campo. O comandante a envolve emotivamente, mas isso também a perturba. Referindo-se à análise, relata que se forçou “a não vir” (e falta a uma sessão) como não se abandona ao prazer da relação (mental e sexual) com o piloto. O piloto (desta vez parte dela mesma) quis seguir a comissária para descobrir se mantinha relações com outros. Lisa, nesse meio tempo, passa uma tarde perto da casa do analista para saber quantos outros pacientes chegam. Depois, Lisa vai ao cinema ver um filme com tigres, enquanto um amigo se muda e vai morar na rua Eritrea. Na África, as zonas emotivas mais quentes tomam vida e transformam-se em narrativa.

Na fonte das emoções há sempre o tomar vida *do vínculo e das vicissitudes deste* (e não estamos, no fundo, distantes das ingênuas formulações de Propp, 1928): Cristina me fala, durante a sessão, do fato de sentir-se vigiada fora da sessão. Estando no final da análise, por um lado me assusto, por outro penso que seja uma reativação de aspectos da *espiação* de Cristina, como nos primeiros tempos de análise em que vigiava cada gesto meu, postura, tom de voz, para tirar disso motivo de ansiedade, angústias. Depois penso que *ser vigiada* é o que lhe





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

ocorreu no consultório e, depois, que é um modo antálgico de não repartir a solidão.

Cristina inverte o vértice: ser vigiada é estar sozinha, não fazer parte do grupo, ser excluída. Cita *The Truman Show* (1998), no qual o protagonista é *vigiado* e visto por todos na televisão, mas também é verdade que ele é o mais sozinho de todos, porque não pertence ao *grupo*. Está excluído. Nesse ponto, penso na realidade do fim da análise como protótipo da exclusão, na última sessão da semana que transcorre, na reproposição da raiz histórica do problema *exclusão*, já que desde sempre Cristina tinha sofrido com pais muito ligados entre si. Mas me dou conta de como, na última sessão, era eu mesmo que estava formando uma dupla com os meus pensamentos, que me perturbavam e que faziam Cristina sentir o sabor muito amargo da exclusão sofrida quando se está junto ao outro mentalmente ausente e ligado a outros pensamentos.

O vínculo, dizia eu, como fonte de tempestades, de dores, de decepções e também de alegria, de reencontro. Mas é necessário tempo com alguns pacientes para que eles renunciem às defesas freqüentemente narcisistas/autistas que os protegem de envolver-se em uma ligação afetiva. Não importa, naturalmente, em que lugar do campo isso ocorre: pode ser um vínculo explícito com o analista, pode ser narrado e entrar no campo como vínculo com uma namorada, ou com o gato, ou o cachorro de estimação.

Quando o vínculo se estrutura, então as travessias deste tornam-se mais narráveis, como para Eva, que evita se aproximar de emoções intensas, mas que relata que sua própria filha ternamente lhe diz: “Mãe, como ficarei sem você?”. E para mim, que lhe proponho (depois de vários anos de análise) que talvez aquele sentimento de terna necessidade ela o experimente também por mim, mesmo que sinta medo, que rebata que digo as mesmas coisas estúpidas de analista, às quais não se deve dar crédito, acrescentando logo que conheceu um médico acupunturista que, inesperadamente, lhe dera algumas estátuas para fazer um presépio. Alguma coisa, uma confiança, está nascendo e o mundo interno se enriquece com presenças onde antes havia o aparente deserto afetivo do narcisismo e da auto-suficiência.

O vínculo nos expõe ao sofrimento, mas é a matriz da nossa capacidade de sentir e de viver as emoções em toda a amplitude das suas possíveis expressividades. Nada impede que, em momentos particulares, defesas do vínculo possam nos privar de emoções que temíamos fossem muito intensas de administrar.

Até que um paciente não adquira a capacidade de administrar as emoções e as preocupações que um vínculo implica, não se pode deixar de respeitar essa escolha. Quando começam a germinar os brotos do vínculo, acredito na necessi-





Antonino Ferro

dade de proteger-se da pressa de explicitá-los e de reportá-los para a transferência, pois é necessário, sobretudo, agir como jardineiros prudentes e confiantes que cuidam de seu desenvolvimento. Quando os vínculos se tornarem manifestos e evidentes, isso significará não somente que podem ser explicitados, mas que o paciente dispõe de todos os instrumentos para enfrentar as travessias que implicam as vicissitudes de cada vínculo. O objetivo das análises é o de aumentar progressivamente os instrumentos do paciente de reconhecer, denominar, administrar e metabolizar emoções. Esta é uma psicanálise que olha mais para os instrumentos para pensar e para sentir do que para os conteúdos desses. Não que os conteúdos não contem, mas, em um piano que funciona, cada música poderá tomar vida de acordo com a singularidade do pianista.

Também é verdade que, no início, a análise expõe a uma situação traumática que é dada pela perturbação que uma mente cria no contínuo, mesmo que discreto, acasalamento que determina. Isso implica uma total mudança de política na administração dos vasos de Pandora quando estes existem. Frequentemente, encontramos-nos na situação de dever construir os próprios vasos, ou temos a necessidade de desenvolver com o paciente os instrumentos necessários para o ceramista.

A propósito de transferência

A *transferência* entra em jogo também na escolha do objeto; na presença de situações mentais não elaboradas que permaneceram enquistadas, a única possibilidade de transformação é, com frequência, a reproposição da transferência em uma situação na qual pode haver mais chances com relação à situação traumática original. A transformação que *naturalmente* se ativa nos casos afortunados permite a escolha de objetos cada vez mais novos com relação aos objetos traumatizantes originais.

Na análise, a reproposição da história esquecida, separada, removida, é um dos motores dela mesma. O positivo disso é que permite a transformação e a mudança. O risco é que o analista caia na armadilha de assumir um papel e que o campo seja contaminado pela doença do paciente (como é normal que ocorra), mas que depois não sare. Adoentar-se continuamente (em linguagem barangeriana: formação dos *baluartes*) e curar-se continuamente (resolução dos baluartes) são o fôlego do campo que, dessa forma, se amplia e colapsa continuamente.

Se um paciente teve uma mãe pouco disponível, isso deverá ocorrer mais cedo ou mais tarde no consultório e no campo, não importando através de qual





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

personagem. Isso poderá ser digerido e metabolizado através dos movimentos peristálticos do campo ou mesmo através de uma interpretação, com a condição de se recordar que a interpretação, para ser eficaz, não pode estar além de um processo digestivo final. Mas o discurso da transferência não termina aqui. É certo que há também a transferência do analista sobre o paciente, que necessita de contínua elaboração (freqüentemente silenciosa e automática).

Deve-se ressaltar, contudo, ainda mais porque são menos aprofundadas as *transferências* contínuas (sim, como os ônibus dos grandes aeroportos), que, além de irem do passado no campo, do mundo interno no campo (do qual o analista é um dos lugares), vão, continuamente, do campo ao mundo interno do paciente e do campo para sua história. Esse permanente ir e vir de fragmentos enredados de sensorialidade, de proto-emoções, permite a tecitura transformadora dos fragmentos e a neoformação de habitantes do mundo interno e da história. O mundo interno e a história, que entram continuamente no campo (e que o alimentam) através da repetição e da identificação projetiva, continuamente são transformados através de mini e macro *après-coups* que garantem a multidirecionalidade do movimento.

Se uma paciente teve uma mãe fria, deve encontrar um namorado frio para repetir e narrar o trauma. No campo, deverá viver este *namorado frio* que deverá ser transformado e, neste ponto, ou o namorado adquirirá novas características, ou, tornado não essencial com relação à história que urge ser narrada, sairá de cena para dar lugar a outros eventos-enredados à espera de *menestrel*.

A imagem poderia ser a de uma sala cheia de romances confusos e mofados, que provocam odores ruins, cheia de parasitas (os sintomas) e que necessitam ser levados a uma lavanderia-tinturaria-tecelagem onde podem ser limpos, tingidos e tecidos. E, depois disso, poderão voltar a viver nas gavetas da casa onde estavam ou deveriam estar. A metáfora não se completa porque há alguma coisa de fora e, além da sala que necessita ser admitida na própria sala, há detritos, fumaças, materiais orgânicos que necessitam de um processo ainda mais complexo de tratamento para se tornarem algo adequado ao mental. Além de fazer essas operações, uma análise tem sentido quando, a longo prazo, é capaz de fornecer ao paciente instrumentações para realizar tais operações.

O morro dos ventos uivantes (1847) de Emily Bronte presta-se bem a que se visualize a transferência sobre o objeto. Heathcliff torna-se órfão, abandonado e praticamente adotado pelo velho Earnshaw. O vínculo que o une a Catherine, filha de Earnshaw, é apaixonado e simbiótico. Isso só fará com que resulte em fonte de dor, ciúmes, desespero, ódio. Mas é colocado em cena com Catherine, a qual, por sua vez, é órfã. O que era impensável, impossível de dizer nas relações primá-





Antonino Ferro

rias, torna-se agora pensável, possível de viver, faz viver partes da mente antes atrofiadas. Somente o longo tormento transformador dará possibilidade aos filhos de Catherine e de Hindley (os novos aspectos do ser), nascidos da digestão transformadora, de poderem ter uma relação que comporte também alegria e não somente tragédia.

O paradoxo da espécie é que a tragédia é melhor para a nossa mente do que a irrepresentabilidade muda. Não é por acaso que o teatro, o cinema, a televisão, a literatura, mas também o esporte nos narrem e renarrem os *narremas*² enquistados na nossa espécie e que pertencem ainda ao mental não experimentado e não ao biológico estrutural. Nas situações psicossomáticas, o grande trabalho da análise consiste na retragedização daquilo que foi evacuado no sintoma que, todavia, é um lembrete em direção a uma esperança de pensabilidade.

Também as microtragédias do cotidiano põem continuamente em cena o que precisa ser recitado de improviso. Então, a cena se bloqueia e entra em cartaz a própria obra. Nesses casos, o analista tem o papel de empreendedor/chefe da companhia que sabe variar o programa da temporada.

No teatro analítico, o silêncio do analista é frequentemente temido, porque não satisfaz o ajuste contínuo do pH que a sua presença, testemunhada pelas palavras, opera. O silêncio do analista é como o escuro do quarto para as crianças pequenas: povoa-se de fantasmas e de cenas de medo. Certamente, para ouvir os rumores e para ver o filme, é necessário baixar o som e as luzes, mas as lanternas que permitem saber que se está no cinema ou no conservatório devem ser mantidas. Exceção feita para aqueles pacientes suficientemente estruturados desde o início do trabalho e que sabem lançar-se no escuro e no silêncio com curiosidade e paixão. Mas isso não é freqüente. São mais freqüentes os pacientes que têm necessidade de lanternas, dos intervalos, da luz difusa, da presença da máscara. Talvez um dia apreciem o grande salto no escuro do silêncio.

O analista que *fala* atenua a crueza de certos cenários. Torna-se verdadeiramente um Virgílio capaz de fazer Dante continuar andando nos compartimentos do inferno. Quando for o momento, Beatriz chegará e o paciente poderá deliciar-se com uma análise da qual não tem mais medo.

O analista silencioso presta-se a assumir qualquer rosto, o analista que intervém ilumina com a realidade da sua presença não fantasmática e com o som da sua vida emotiva, verdadeira coluna sonora do filme-análise. Poder-se-ia discor-

² Narrema é a subunidade narrativa de um discurso.

³ Aqui é um jogo de palavras. Nessy é o nome de um monstro marinho que supostamente habita um lago ao Norte da Escócia e, que foi chamado assim. Mas em italiano *nessi* também significa um tipo de vínculo, relação, conexão.





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

dar dizendo que o analista silencioso contamina menos o campo; isso é verdade com os pacientes que não temem a *emersão* dos *Nessy*³ (em todos os sentidos) pelos quais são habitados, mas também é verdade que a cor do silêncio se inscreve de vez em quando como um elemento não assumível e digerível pelo paciente.

A propósito das defesas

Há várias defesas nos confrontos de modalidades de relações aglutinadas (Bleger, 1966). Uma defesa pode ser a de uma evitação claustrofóbica, ou a de isolar-se e impermeabilizar-se com relação ao vínculo.

Nos pacientes que encontraram uma solução defensiva referente a um núcleo aglutinado/aglutinante (que tende a vínculos do tipo diferenciado-simbiótico), a análise coloca um grande problema. De um certo ponto de vista, é o único caminho que permitirá a metabolização de tais áreas, sem que essas se tornem uma bagagem muito pesada que pode tornar a vida difícil ou dar lugar também a várias sintomatologias. De outro ponto de vista, *ceder* ao vínculo analítico significa retornar a uma situação sob certo aspecto aglutinada com a única esperança de que o analista saiba (junto ao *setting* e à contribuição do paciente) guiá-lo para fora do vínculo simbiotizante, mas isso há de ocorrer somente com a repositição desse vínculo e com a alfabetização de raiva, ciúmes, dor e tudo o mais.

Para o paciente, retornar a uma nebulosa aglutinada de proto-emoções não diferenciadas não é simples, nem é simples alfabetizar essa nebulosa em emoções nomináveis e transformáveis. Isso significa voltar à selva proto-emotiva da qual se havia colocado a salvo, mesmo seguido por um gorila⁴ que depois determina a emergência sintomática.

Voltar atrás significa reencontrar-se com todas as proto-emoções indiferenciadas, para as quais é necessário começar a dar nomes (raiva, ciúmes, exclusão) e depois metabolizar essas proto-emoções até torná-las habitantes estáveis do mundo interno.

Marina e a exclusão

Marina, no momento em que cancelo duas sessões, revive uma experiência persecutória de *ser vigiada*. Proponho o que já era evidente, que essa experiência surge cada vez que se sente *fora do grupo*. Marina conecta a própria experiência à experiência que teve quando menina quando, mesmo estando doente,

⁴ N.R.: Refere-se ao King-Kong que no filme simboliza as emoções primitivas.





Antonino Ferro

seus pais a deixaram e relata um jogo que faz consigo mesma quando se sente triste e sozinha. Ao voltar para casa, fala, dialoga com uma outra parte de si para a qual diz: “Gostaria de ser acolhida naquela casa, estar no ambiente quente e aconchegante, ter um marido e filhos” e, ao responder que sim, desliga-se da experiência da pequena vendedora de fósforos⁵. É como se tivesse *uma poodle* (refere-se a um cão) que leva sempre consigo e da qual toma conta. Mas Marina já está no final da análise e relata também que, no prédio em que mora, “instalaram-se o consultório de psicoterapia e o consultório de um veterinário”.

Há agora em seu mundo interno uma função analítica capaz de tomar conta da *pequena poodle*. O vínculo, a exclusão, a ausência do outro implicam sempre um sofrimento, mas Marina conhece as maneiras e dispõe dos meios para tomar conta das emoções ligadas ao abandono e à exclusão.

O conde de Montecristo

Uma separação imprevista por ausência minha significa para Giulio, já em análise avançada, sentir-se “ofendido, ofendido, ofendido” e acrescentar que, quando fraqueja e se aproxima, eu me distancio, e que, caso se entregue com confiança, eu o abandono. A seqüência casual de sua aproximação e de meu distanciamento é vivida por Giulio como uma *casualidade obrigada* e somente tomar consciência disso o faz perceber como, cada vez que um vínculo se estreitava, ele encontrava a maneira de distanciar-se, fosse para evitar a dor daquilo que tinha certeza que iria acontecer (ser deixado/abandonado), fosse por um tipo de vingança como a do conde de Montecristo (1845-1846), que, abandonado e traído, pôde somente recorrer à vingança para curar uma dor de outra forma impossível de curar. É também verdade que, no final, o conde de Montecristo consegue perdoar a mulher que o traía e abandonara e descobrir o intenso amor que sempre continuou a sentir por ela, mesmo se mantendo por muito tempo sem ter conhecimento disso.

Um modelo da mente

A primeira atividade que dá vida àquele big-bang que é o inflamar do mental – na nossa espécie – é dada pela evacuação maciça de estados proto-sensoriais,

⁵ N.R.: A menininha dos fósforos ou *A pequena vendedeira de fósforos*, conto de Hans Christian Andersen escrito em 1845. Relata a história de uma menina pobre órfã de mãe e pai violento, que vendia fósforos descalça na noite fria véspera de Ano-Novo na Dinamarca. Ascendia os fósforos para se aquecer e imaginava-se numa sala ao redor da família, com a lareira acesa e uma mesa farta. Finalmente imaginou que a avó vinha buscá-la. Pela manhã foi encontrada morta e congelada.





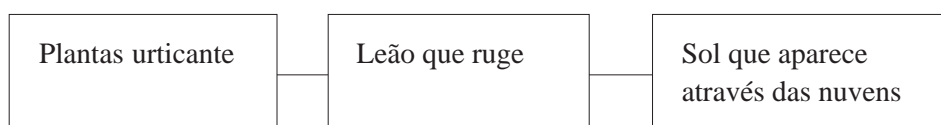
Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

proto-emotivos por parte da criança. Essas evacuações (elementos β), se são recolhidas, acolhidas e transformadas por uma mente que as absorve e metaboliza (a função α), são também transformadas em pictogramas dotados de sentido (elementos α).

A mente de quem opera esta transformação não somente transforma o caos proto-sensorial e proto-emotivo em figuração emotiva dotada de sentido, como, no contínuo repetir dessa operação, também passa *o método* para fazê-lo (função α) (Bion, 1962, 1963, 1965, 1987).

O contínuo repetir desse ciclo transformador – verdadeiro ciclo de Krebs da mente – também produz outros efeitos: o jogo de projeções-introjeções-reprojeções-re-introjeções permite diferenciar espaço côncavo/espaco convexo, espaço de acolhimento/espaco de plenitude, em síntese, permite diferenciar continente (☉) de conteúdo (☿). O primeiro relacionar de *identificação projetiva com reverie* é de fato a primeira relação sexual da mente com uma outra mente, e é isso que estará na base das capacidades criativas de cada pessoa (Rocha Barros, 2000). Deste momento em diante, os elementos α constituirão *o pensamento onírico de vigília*. Tal pensamento onírico permanece, normalmente, diretamente inacessível. Do pensamento onírico de vigília podemos ter informações através dos seus *derivados narrativos* (ou gráficos, lúdicos, etc.) (Ferro, 2004a).

Por exemplo, estimulações proto-sensoriais e proto-emotivas que veiculam irritação, raiva, serenidade poderiam ser transformadas pela função α nos seguintes pictogramas emotivos:



Essa seqüência de elementos α mantida inacessível poderia dar origem a uma infinidade de derivados narrativos nos mais diferentes gêneros literários (gráficos ou lúdicos). Poderia tornar-se uma cadeia associativa que seria expressida através do seguinte:

- a) *uma lembrança de infância*: quando um amigo de meu pai contou à mesa que me encontrou na rua no horário da escola, experimentei um terrível mal-estar, tive vontade de bater nele, mas a face tranqüila do meu pai me tranqüilizou;
- b) *uma cena cotidiana*: ontem vi alguns rapazes importunando um cidadão estrangeiro e me irritei muito, estive a ponto de repreendê-los, mas a





chegada de um policial resolveu o problema;

c) *uma cena de um filme*: lembro-me de uma seqüência de um filme no qual o protagonista se perturba quando vê sua esposa, de costas, abraçando um homem e quase a agride, até ver que ela estava abraçando o próprio filho que voltara do serviço militar. Como havia crescido!;

d) *uma cena sexual*: a falta de disponibilidade de Carla para fazer amor após ter voltado de uma longa viagem me irritou e pensei em deixá-la, quando descobri que, àquela, noite os amigos haviam me preparado uma festa surpresa.

Poderia continuar infinitamente, mas gostaria de acrescentar à lista dos derivados narrativos também *um sonho*, porque é importante ressaltar que um sonho pode ser considerado (além de caminho de acesso ao inconsciente) como um derivado narrativo da seqüência de elementos alfa do momento no qual é narrado, pelo qual a mesma cena da qual falei poderia ser narrada também assim: sonhei que estava perto de algo que, no escuro, me parecia um escorpião e me enfureci com quem havia me garantido uma viagem segura, mas depois descobri que era somente a ponta de uma planta.

Os derivados narrativos das seqüências do pensamento onírico podem, portanto, ser múltiplos. Não é simples descrever todas as passagens freqüentemente necessárias que conduzem do texto manifesto pelo paciente à formulação interpretativa final (que é o produto final da interação mental entre analista e paciente). Num primeiro nível poderia se coletar e resumir de maneira sincrética o que o paciente disse. Um segundo nível acrescenta que essa descrição parece implicar emoções. Um terceiro nível consiste em dar um nome a essas emoções, digamos ciúmes e raiva. Um quarto nível consistiria em perguntar ao paciente se essas emoções, *ciúmes* e *raiva*, não podem iluminar o que ocorre com X quando... (usando os narremas do paciente). Um quinto nível, a eventual aproximação na transferência. Um sexto nível, a eventual colocação no mundo interno do paciente. Um sétimo nível, a eventual reconstrução histórica. Um oitavo nível, a eventual consideração do transgeracional.

Luigi e a leitura

Luigi é um menino que teve um diagnóstico de *grave dislexia*, é um menino irrequieto, freqüentemente difícil de conter na escola, hiperativo. Mas a conversa com os pais toma logo um desdobramento inesperado: a mãe fala sobre ter sido uma menina disléxica e, logo depois, conta com tons inflamados *a terrível experiência com o vice-diretor* da escola onde ensinava, o qual a perseguia, a atormentava, tornava sua vida impossível sem ter nunca um mínimo de compreensão, até





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

que isso a fez deixar a escola. O pai minimiza tudo, dizendo estar somente preocupado com as coisas que merecem preocupação, ou os empréstimos que fizeram e que, freqüentemente, teme não poder pagar.

Parece-me claro que as mentes de ambos estiveram e estão verdadeiramente pouco disponíveis para Luigi e suas ansiedades. Parecem comparáveis a duas salas nas quais não há calma, espaço, silêncio, mas onde circulam continuamente rajadas de vento que desorganizam tudo. É como se as folhas colocadas sobre uma mesa se espalhassem por essa sala de maneira que não pudessem ser lidas. As únicas emoções lidas e reconhecidas são as perseguições, pela mãe, e a ânsia catastrófica, pelo pai; eles dispõem de um tipo de alfabeto de duas letras que impede qualquer leitura emotiva da própria realidade.

Parece conseqüência disso que Luigi somente consiga evacuar, com a hipercinesia, com a inquietação, os próprios estados mentais, que não consegue ler. Se não conseguimos ler os próprios estados mentais, encontramos-nos em um tipo de neblina que torna indistinguível qualquer sinal, qualquer letra, qualquer alfabeto. O alfabeto que deve ser aprendido é primeiramente o emotivo e depois o cognitivo, ao menos no sentido de que este último se baseia no primeiro.

As sessões também têm um andamento característico com Luigi. Ele chega em uma situação de grande desorientação e de movimento contínuo, tranquiliza-se e *organiza-se* durante a parte central da sessão (quando a analista começa a ler para ele os estados emotivos dos personagens de seu jogo e constrói um tipo de sintaxe emotiva ao encarar progressivamente os vínculos mais complexos entre as emoções) e volta a desorganizar-se no final.

Se tomarmos uma sessão típica, no início Luigi borra um número inacreditável de folhas misturando todas as cores. Depois começam a aparecer as figuras, ao mesmo tempo em que a analista intervém contendo a ansiedade de Luigi. Então toma corpo uma *face* sobre a qual a analista diz: “Parece irritada, mas também assustada e desesperada.” A seguir Luigi desenha um barco, um homenzinho, o mar. A analista propõe ler os desenhos como uma seqüência: “Esta face é talvez a de um homem no mar, talvez o homem tenha se jogado no mar e esteja assustado porque tem medo de se afogar”.

A analista, aparentemente, fala sobre o texto manifesto, mesmo criando alguns vínculos, alguns nexos, algumas leituras. Evita uma leitura precoce (que equivaleria aos logaritmos na primeira série) do aspecto transferencial: “Quando não estamos juntos, sinto que você se afunda em um mar de angústias e se desespera”.

Luigi continua a desenhar e conta sobre uma viagem de barco feita com os pais. Fala do perigo corrido por causa de grandes ondas e do pensamento que, se





Antonino Ferro

o barco virasse, seriam necessários botes e barcos de salvamento. A resposta de Luigi é coerente, emotivamente lógica e coerente. A sessão prossegue com uma co-construção narrativa sempre sobre um texto que tem relação com barcos, travessias perigosas, grandes ondas, riscos de naufrágio, que são as descrições pontuais das emoções que tomam vida no consultório.

No final da sessão, Luigi desenha tornados, o jogo torna-se acelerado, fala de piratas “que estão fora da lei” e, a partir desse momento, faz-se impossível ler as emoções presentes nas narrações e no jogo que se torna mera turbulência evacuativa.

Repetem-se sessões com essas características, que cada vez mais colocam sempre em maior evidência o vínculo de sobrevivência que se instaurou entre Luigi e a sua analista, até que não parece oportuno aumentar *os barcos de salvamento* pelo menos por três semana.

Funções figurativo-oníricas do analista

Reverie e identificação projetiva

Há, do meu ponto de vista, uma constante *atividade de reverie de base*, que é o modo pelo qual a mente do analista continuamente acolhe, metaboliza e transforma *o que* lhe chega da parte do paciente como estimulação verbal, paraverbal, não-verbal. A mesma atividade de *reverie* está em operação no paciente em resposta a cada estimulação interpretativa ou não proveniente do analista. O objetivo da análise é, em primeiro lugar, desenvolver esta capacidade de tecer imagens (que permanecem não diretamente reconhecíveis). O acesso a tais imagens pode ser indireto, através de *derivados narrativos* do pensamento onírico de vigília (Bion, 1962; Ferro, 2004b).

Essa atividade de *reverie* de base é o cerne da nossa vida mental e de seu funcionamento/disfuncionamento depende a sanidade, a doença ou o sofrimento psíquico. O mesmo discurso vale para a existência de uma atividade de *identificações projetivas de base*, que é indispensável ativadora de cada atividade de *reverie*. Há situações nas quais há uma manifestação de *reverie* explícita e significativa mais frequentemente sobre o registro visual, mas naturalmente não exclusiva.

A receptividade de Mário

Mário é um paciente que, por muito tempo, não tolerava explicitações transferenciais, consideradas intrusivas e persecutórias. Uma excessiva aproximação interpretativa lhe causava fortes angústias homossexuais (um conteúdo que força





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

um continente não disponível, ou seja, um outro conteúdo que exige uma receptividade do analista para poder suavizar-se, $\sigma \sigma$ que exige $\sigma \leftarrow \sigma$).

Um dia, depois de uma série de boas sessões, ouço o som do interfone no horário de Mário e abro o portão (meu consultório fica no terceiro andar em um prédio sem elevador). Tenho a nítida impressão de que não é Mário que sobe as escadas, mas uma mulher que produz o típico som dos saltos do sapato sobre os degraus. Fico cada vez mais certo disso. Tenho uma *reverie* acústico-visual. Ouço o som da campainha da porta. Com surpresa vejo que é Mário. Encaminho-me, seguindo-o ao consultório e me pergunto sobre a *reverie* que tive (com tão forte característica perceptiva). Até que me dou conta que aquele era o modo através do qual entendia uma nova capacidade receptiva de Mário. Sobre esse ponto, no decorrer da sessão, faço uma série de interpretações de transferência que são todas aceitas e *apreciadas* por Mário, que as utiliza para desenvolver novos percursos associativos.

Nesse ponto (eis aqui a assunção e a consideração da minha parte daquilo que era um resíduo de incontinência de Mário), acrescento: “E não me diga amanhã que seu filho teve alergia!”, referindo-me ao que, por muito tempo, havia se seguido às minhas anteriores aproximações interpretativas.

Rindo, Mário me diz: “Mas você não deve impedir as minhas movimentações”!

No dia seguinte, Mário relata que um colega, devido à prepotência do médico chefe, estava a ponto de pedir demissão. Depois fala do filho que a esposa temera que tivesse engolido alfinetes e que tinham levado ao pronto-socorro e sobre o médico chefe que decidira incrementar as terapias com um paciente de maneira excessiva, sem levar em consideração os efeitos colaterais.

Nesse momento, poder-se-ia interpretar tudo isso como resposta à minha incontinência interpretativa. Provavelmente se criariam outros relatos de perseguição até uma forma qualquer de inquietação. A doença psicossomática relatada (alergia do filho) poderia tornar-se uma doença psicossomática no corpo da análise, no corpo do ambiente (por exemplo, um atraso ou a falta a uma ou mais sessões justificados pelos mais variados motivos).

Até aqui vão nossas certezas. Depois, Mário, em um outro momento da análise, relata – justo quando vai desenvolvendo vínculos mais sólidos com a análise ou o analista – que o irmão foi diagnosticado com uma brida aderente no intestino. Podemos pensar nesse *pólipo* relatado como a representação (interpretável ou não) da formação de sua capacidade de vínculo que talvez tema ser excessiva.

Mas se Mário tivesse uma cólica hepática, uma diarreia, ou desenvolvesse





Antonino Ferro

uma doença física, além de se considerar o nível narrativo do discurso, poderíamos pensar também que a doença derivaria de um acúmulo de fatos psíquicos tóxicos? Aqui nos detemos e declaramos: até o momento não o sabemos.

A mão pegajosa do analista

Um dia Cláudio chega e me estende a mão como sempre. Logo depois, por um longo período da sessão, tenho a percepção de ter a mão molhada, pegajosa e contínuo, inadvertidamente, a passá-la no blusão que visto para limpá-la. Depois de um tempo, Cláudio relata que, durante todo o fim de semana, masturbara-se continuamente para lidar com a angústia que a distância da namorada lhe causava. Isso mostra como cada órgão de sentido pode ser empregado na formação de *reverie* e, ainda mais, como os elementos α podem ter pertinência não somente com o visual, mas com todos os nossos sentidos.

A reverie e o après-coup

A modalidade com que ouço a apresentação de um caso clínico é como se o relato do caso fosse precedido de um “Sonhei com este paciente”. Essa modalidade de audição não difere muito daquela que adoto nas sessões de análise com os pacientes: o início da sessão contém sempre um implícito *sonhei* por parte do paciente, qualquer que seja o conteúdo da narração. Isso naturalmente refere-se ao meu trabalho na minha *cozinha analítica*, no *restaurante analítico*, na parte em contato com o paciente o prato interpretativo poderá ser apresentado em modos muito variados, também – na ocorrência – com o molho de um compartilhamento do conteúdo manifesto.

Rosanna e a gagueira

A apresentação de Rosanna, feita pelo seu analista, expõe logo os aspectos-chave do seu sofrimento: uma situação na qual se alternam a incontinência e a hipercontinência, bem como ocorria na gagueira que tivera em menina.

Rosanna apresenta ansiedades incontidas, muitas fobias, aspectos depressivos, também teve anorexia na adolescência. As fobias são lugares intransitáveis, talvez os mesmos nos quais, na adolescência, se depositaram os aspectos mais primordiais da sua mente que foram separados e *deixados sem alimento*, na esperança de que, enfraquecidos, pudessem ser melhor digeridos.

É relatado como havia tido também um pai, *homem colérico*, e uma irmã mais velha muito rebelde. E esses podem ser unicamente os aspectos *impossíveis de conter*. Naturalmente, realizo uma desconstrução narrativa na qual considero todas as pessoas ou os fatos sobre os quais falo como *protagonistas* e intérpretes





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

da cena emotivo-afetiva atual. Os narremas, as subunidades narrativas são, portanto, para mim todos os *caminhõezinhos* que transportam uma modalidade de ser de um lugar para outro do campo. Sempre, da série das incontinências, faz parte o relato dos pesadelos que acordam Rosanna à noite, aterrorizada (quando o sonho não era suficiente para conter aspectos primitivos da mente), e da enurese que a afligia quando menina e desde as últimas crises convulsivas através das quais evacuava o que escapava da hipercontinência ou da cisão.

Em uma ótica de campo não é necessário, e freqüentemente não é útil, reportar-se ao *hic et nunc* da sessão ou da relação do que o paciente diz. Aquela que, por exemplo, em uma ótica relacional, seria uma *transferência colateral* que seria referida com uma interpretação dentro da própria relação, em uma concepção de campo, pode ser *jogada* no campo sem que necessariamente venha relacionada à atualidade da relação. O campo tem muitos caminhos, um desses caminhos é o *caminho da relação*, mas há muitos outros. Além disso, o campo tem tanto uma extensão espacial, portanto, compreende todos os elementos cindidos, quanto uma extensão temporal, portanto inclui todos os tempos e idades da vida, além de estar em perene expansão espacial e temporal.

Se uma ótica relacional – digamos –, uma transferência negativa, é interpretada rapidamente, quase sufocando qualquer retorno sobre sua origem, no campo é útil entender como, onde, quando nasce a transferência negativa e entender quais operações mentais o analista pode realizar para transformá-la. Depois de uma interpretação cheia de conteúdo, que o paciente não estava pronto para ouvir, porque desejava primeiro ser ouvido (acolhido) pelo analista naquele momento não receptivo, o paciente fala de uma tentativa de sedução homossexual e de um conhecido homossexual que queria ter uma experiência de acasalamento com ele. Em uma ótica de campo, não seria difícil referir-se ao fato de que o casal homossexual de paciente e analista (♂♂) foi gerado em uma sessão como imagem pictográfica dos dois estados mentais não receptivos entre os quais era possível ou uma prevaricação ou uma submissão. Em outros modelos, ter-se-ia pensando de outro modo. No modelo de campo, temos a consciência da contínua geração dos personagens do próprio campo como narração microdiferida (quase direta) do funcionamento das mentes de paciente e analista no consultório. Naturalmente, é uma opção forte e necessária aquela de considerar que o campo é continuamente reabastecido pela história e pelos habitantes do mundo interno que vêm para enriquecer continuamente o próprio campo. Campo que se torna o grande empreiteiro daquilo que não pode ser lembrado, daquilo que é projetado pelo mundo interno, ainda mais com a vantagem de um possível e contínuo monitoramento das transformações que ocorrem no campo. Monitoramento que permite algumas degusta-





Antonino Ferro

ções que o analista, na sua assimétrica posição de *chef*, continuamente faz. *Testes* que lhe permitem contínuos ajustamentos do cozimento, da quantidade de sal, da quantidade de açúcar e da introdução de novos ingredientes. □

Abstract

That is what it seems to be if you think it is, or two authors looking for scripts and scenography: transformations and interpretations

The author broadens the concept of transference/countertransference, of container/content and of reverie in the analytic realm theory developed by the Barangers. The characters encompassed in the psychoanalytical session (time/space) are not only envisioned as internal objects or as important characters of the inner world under a historic/interpretational reference but rather as characters describing what is happening in the analytic realm in a syncretistic way. The author believes that an oneiric functioning is prevalent and that any communication pertains to this area and allows to signify the oneiric thought. He also suggests that transformations in the psychoanalytic realm happen through a continuous operation of co-narration between patient and analyst, who become “*two authors looking for characters*”, that alphabetize proto-emotions, allowing continuous evolution. The author illustrates his ideas with co-experienced characters at sessions with his patients, in literature and cinema.

Keywords: Transference. Countertransference. Psychoanalytic realm. Proto-emotions. Reverie. Oneiric thought. Narratology. Transformation.

Resumen

Así es si así le parece, o dos autores en búsqueda de guiones y escenarios: transformaciones e interpretaciones

El autor amplía el concepto de la relación transferencia/contratransferencia, continente/contenido y reverie en la teoría de campo desarrollada por el casal Baranger. Comprende los personajes de la sesión analítica (tiempo/espacio), no solo como objetos internos o exponentes del mundo interno bajo una referencia histórico-interpretativa, sino como personajes que describen qué está pasando en el campo analítico de un modo sincrético. Considera que está en operación un funcionamiento onírico del campo, que cualquier comunicación pertenece a este

512 □ Revista de Psicanálise da SPPA, v. 12, n. 3, p. 487-514, dezembro 2005





Assim é se lhe parece, ou dois autores em busca de roteiros e cenografias: transformações e ...

campo y permite significar el pensamiento onírico. Sugiere que las transformaciones del campo ocurren a través de una continua operación de conarraciones entre analista y paciente, que se vuelven *dos autores en búsqueda de personajes*, que alfabetizan las protoemociones y permiten sus continuas evoluciones. Ilustra sus ideas con personajes coviviados en las sesiones con sus pacientes, en la literatura y en el cine.

Palabras llave: Transferencia. Contratransferencia. Campo analítico. Protoemociones. Reverie. Pensamiento onírico. Interpretación. Transformaciones. Narratología.

Referências

- BARALE, F.; FERRO, A. (1992). Negative therapeutic reactions and microfractures in analytic communication. In: MOMIGLIANO, L. N.; ROBUTTI, A. (editores). *Shared experience: the psychoanalytic dialogue*. London: Karnac, 1992, p. 143-165.
- BARANGER, M.; BARANGER, W. (1961-1962). La situación analítica como campo dinámico. *Revista Uruguaya de Psicoanálisis*. v. 4, n. 1, p. 3-54.
- BARANGER, M. et al. (1983). Process and non-process in the analytic work. *Int. Journal Psychoanal.* v. 64, n. 1, p. 1-15.
- BION, W. R. (1962). *Learning from experience*. London: Heinemann, 1962.
- . (1963). *Elements of psycho-analysis*. Paris: P.U.F., 1982.
- . (1965). *Transformations*. London: Karnac Books, 1984.
- . (1970). *Attention and Interpretation*. London: Karnac Books, 1984.
- . (1983). *Seminaires italiens*. Paris : In Press, 2005.
- . (1987). *Clinical seminars and four papers*. Abingdon: Fleetwood Press, 1987.
- . (1992). *Cogitations*. Paris: In Press, 2005.
- BLEGER, J. (1966). *Psicohigiene y psicología institucional*. Buenos Aires: Paidós, 1994.
- BORGES, J. L. (1941). El jardín de senderos que se bifurcan. In: *Obras completas*. (1944). v.1. Barcelona: Emecé, 1989, p. 479.
- BOTELLA, C.; BOTELLA, S. (2001). *La figurabilité psychique*. Lausanne: Delachaux et Niestlé, 2001.
- BRONTE, E. (1847). *Wuthering heights*. London : Penguin, 1995.
- BURNETT, F. H. (1911). *The secret garden*. London: Penguin, 1995.
- CORRAO, F. (1991). Trasformazioni narrative. In: ————. *Orme*. Milano: Raffaello Cortina, 1998. v. 1.
- DUMAS, A. (1845-1846). *The count of Monte Cristo*. London: Penguin, 2003.
- EIZIRIK, C. L. (1996). Psychic reality and clinical technique. *Int. Journal Psychoanal.* v. 77, n. 1, p. 37-41.
- FERRO, A. (1992). *L'enfant et le psychanalyste*. Ramonville Saint-Agne : Erès, 1997.
- . (1996). *La psychanalyse comme oeuvre ouverte*. Ramonville Saint-Agne : Erès, 2000.
- . (2004a). Réalité des faits et réalité interne: des dérivés narratifs aux émotions premières. In : CHOUVIER, B. ; ROUSILLON, R. (édores). *La réalité psychique*. Paris : Dunod, 2004.





Antonino Ferro

———. (2004b). *Seeds of illness seeds of recovery*. London: Routledge, 2005.

Jurassic Park. Direção de Steven Spielberg. Produção de Kathleen Kennedy e Gerald R. Molen. Hollywood: Amblin Entertainment, Universal Pictures, WNET New York, 1993. DVD.

PIRANDELLO, L. (1921). *Sei personaggi in cerca d'autore*. In: ———. *Sei personaggi in cerca d'autore: Ciascuno a suo modo*. Milano: Garzanti, 2002.

———. (1930). *Questa sera si recita a soggetto*. In: ———. *Sei personaggi in cerca d'autore: Ciascuno a suo modo*. Milano: Garzanti, 2002.

PROPP, V. (1928). *Morphology of the folktale*. Tradução de L. Scott. London: Univ. of Texas Press, 1969.

ROCHA BARROS, E. M. (2000). Affect and pictographic image: the constitution of meaning in mental life. *Int. J. Psycho-anal.* v. 81, n. 6, p. 1087-1099.

The secret garden. Direção de Agnieszka Holland. Produção de Fred Fuchs, Tom Luddy e Fred Roos. Hollywood: Warner Bros, American Zoetrope, 1993. DVD.

The Truman show. Direção de Peter Weir. Produção de Edward S. Feldman, Andrew Niccol, Scott Rudin e Adam Schroeder. Hollywood: Paramount Pictures, 1998. DVD.

Recebido em 25/11/2005

Aceito em 15/03/2006

Tradução de **Janisa Antoniazzi**

Revisão técnica de **Carmen Silvia Muratore e Tula Bisol Brum**



Antonino Ferro

Via Cardano 77

27100 Pavia, Italy



© Revista de Psicanálise – SPPA

